

## A PROSÓDIA DE L2 NO CURSO DE LETRAS

Leônidas José da SILVA JR. <sup>1</sup>

### RESUMO

Segundo Jenkins (2000), a língua inglesa tem partido do status de uma língua internacional, para verdadeiramente global; em que as pessoas de todas as partes do mundo podem se comunicar umas com as outras com suas particularidades de pronúncia e sotaques. No que tange a questões fonético-fonológicas, grande parte dos professores que detém domínio ao falar o inglês/L2 prioriza o ensino de pronúncia dando ênfase apenas aos traços segmentais ao invés dos traços prosódicos. Desta forma, a presente pesquisa busca priorizar a importância da prosódia de L2 no tocante ao ensino de uma pronúncia mais acurada e inteligível conforme apontam Roach (1982); Silva Jr e Barbosa, (IN PREP) dentre outros). Para Metodologia, coletamos dados em uma turma do curso de Letras-inglês na UEPB/Guarabira e de falantes nativos dos EUA, realizamos tratamento acústico (extração de medidas métricas e melódicas normalizadas via Lobanov) e estatístico (teste ANOVA e Regressão Linear) dos dados. Os resultados apontam variação significativa na prosódia entre os brasileiros e os americanos tanto do ponto de vista rítmico como do entonacional. Concluímos que a prosódia de L2 deve ser levada às salas de aula durante a graduação com o intuito de capacitar melhor o docente.

**Palavras-chave:** Prosódia de L2, Ensino de pronúncia, Fonética Acústica.

### INTRODUÇÃO

A aquisição do inglês como língua estrangeira (L2) no Brasil vem, a partir da segunda guerra mundial e mais acentuadamente após o fim da década de 1980, tornando-se mais importante na vida cotidiana e principalmente no mundo do trabalho e deste modo, reconhecendo que o aprendizado de suas habilidades é relevante (Brasil, 1998).

Segundo Jenkins (2000), as últimas décadas têm testemunhado a ascensão da língua inglesa, partindo de status de uma língua internacional, para um status de ser a primeira língua verdadeiramente global; sendo um meio através do qual as pessoas de todas as partes do mundo podem se comunicar uns com os outros, especialmente nos campos da ciência e tecnologia, comércio, educação, mídia, segurança internacional e viagens internacionais. Por esta razão, estudos em torno de como o ensino de língua inglesa têm que sido realizado merecem especial atenção, visto que os professores formam cidadãos para atuarem de modo interacional e inteligível com outros falantes de inglês do mundo.

No que tange a questões fonético-fonológicas, grande parte dos professores que detém domínio ao falar o inglês/L2 prioriza o ensino de pronúncia dando ênfase apenas aos traços segmentais, ou seja, a segmentos isomórficos ao fonema ao invés dos traços prosódicos uma

---

<sup>1</sup>Doutor em Linguística (UEPB) e Prof. Adjunto no Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – DL/UEPB com Pós-Doutorado em Fonética Acústica & Experimental em Prosódia de L2. (UNICAMP/CNPq), [leonidas.silvajr@gmail.com](mailto:leonidas.silvajr@gmail.com)

vez que, os aspectos fonológicos não-lineares carregam um valor significativo e mais importante para inteligibilidade na troca conversacional como afirmam Roach, (1982); Celce-Murcia (2010); Avery & Ehrlich (2012).

Em meio a esse e a tantos outros desafios, a compreensão e a produção oral da língua aparece como um dos principais obstáculos encontrados por falantes do inglês como L2 devido às diferenças encontradas entre o sistema fonológico/L2 e os do português brasileiro (PB) como língua materna (L1). Dessa forma, o que é de fato aprender outra língua, vai tornando-se cada vez menos responsabilidade das escolas de ensino regular, passando a ser compromisso das escolas de idiomas.

Durante o processo de aquisição de uma L2, os aprendizes se deparam com dificuldades de diferentes ordens – fonológica e morfossintática sendo, especialmente fonético-fonológicas. A interferência que a L1 exerce sobre a língua estrangeira é, sem dúvida, um fator que condiciona fortemente essas dificuldades. Essa língua alvo, ainda em estado de desenvolvimento, que apresenta fortes influências da língua materna, recebe a denominação de Interlíngua (Selinker, 1972).

O ensino de inglês, no que tange à inteligibilidade, tem sido negligenciado, uma vez que um significativo número de docentes não incentiva os aprendizes às práticas envolvendo pronúncia em sala de aula desde as séries iniciais do ensino básico e certamente, não é diferente no curso de Letras. Sendo assim, a presente pesquisa busca priorizar a importância da prosódia de L2 no tocante ao ensino de pronúncia além de elencar pontos que devem ser observados e utilizados pelo falante de inglês como L2 uma pronúncia mais acurada e inteligível.

Duas questões norteadoras são levantadas em relação a formação docente:

- i. Será que o/a docente adquiriu durante sua formação, habilidades relacionadas à oralidade?
- ii. Mesmo que o/a docente tenha aprendido a pronúncia adequada dos segmentos fonéticos a partir do inventário fonêmico do inglês, ele/a adquiriu questões que tocam aos níveis prosódicos desta L2?

Respondendo a primeira questão, muitas vezes, o/a docente não conhece ou apresenta uma pronúncia débil em termos de inteligibilidade por não ter contemplado habilidades orais em sua formação. Assim sendo, este profissional, na maioria das vezes, não dá a devida importância que a pronúncia exerce enquanto habilidade constitutiva ao bojo do falante.

Como resposta à segunda questão, Roach (1982), Celce-Murcia (2010) e Avery & Ehrlich (2012) afirmam que muitos professores que priorizam o ensino de pronúncia o fazem dando ênfase aos traços segmentais se limitando ao quadro fonêmico do inglês deixando de lado traços suprasegmentais,

Roach (1982) ainda afirma que o simples fato de dominar conteúdos gramaticais, deter grande quantidade de vocabulário, compreender estruturas morfossintáticas complexas e conhecer, em isolamento, os sons das vogais e consoantes é importante, todavia, se o falante quer ser bem sucedido na produção de seus atos comunicacionais, é essencial que se dê prioridade à aquisição dos aspectos rítmicos da L2. O autor ainda assevera que processos e métodos usados para a aquisição de inglês como L2, em torno apenas de uma pronúncia que prioriza a fonologia serial – ou até mesmo – unicamente o ensino de regras gramaticais, devem ser revisitados.

É interessante destacar que na maioria dos casos os estudantes não têm consciência de que os sons entre uma língua e outra se diferenciam. Mascherpe (1970), já apontava que no início da aquisição, o estudante ouviria apenas os fonemas semelhantes aos de sua L1 e de maneira natural ele os transfere para L2 no momento da produção oral. Este processo é denominado transferência fonológica (TF) e se dá, dentre outros fatores, devido ao pouco acesso às habilidades orais de percepção-produção que os estudantes têm da L2.

Assim como Mascherpe aponta a TF, van Heuven (1986) e Flege (1995) propõem que traços prosódicos como acento, ritmo e entonação são transferidos da L1 para L2 com mais integridade, pois estes são adquiridos na L1 em idade muito precoce (a partir dos 6 meses de vida). Este fenômeno é denominado como Transferência Prosódica (TP). Apesar da importância da prosódia de L2, sobretudo nos aspectos dinâmicos da fala, ainda é relativamente pouco o número de pesquisas dedicadas à sua aquisição.

Segundo Celce-Murcia (2010), a fala no inglês não é produzida a partir de palavras isoladas, ao invés disso, elas tendem a “correr juntas”. Este fenômeno é conhecido como Fala Encadeada’ (*connected speech*). Devido a este fenômeno, podemos encontrar processos de reestruturação silábica e mudanças fônicas das vogais (alternância dos traços [ $\pm$  forte/fraco] que se relacionam ao acento prosódico. Ainda diz a autora que, mesmo nas aulas mais simples de inglês, nunca devemos ignorar as mudanças de pronúncia que ocorrem dentro e entre palavras, ou seja, aspectos de prosódicos de pronúncia que invocam justaposição de sons em ambientes fonológicos vizinhos. A juntura desses sons produzirá um efeito diferente no enunciado e é neste cenário, que encontramos um equilíbrio entre ritmo e entonação da língua.

O ritmo e a entonação da fala configuram-se como traços mais distintivos de uma língua. Como dito anteriormente, são adquiridos na infância, tornando-se difícil passar por mudanças ao longo da vida. Sobre o ritmo e de acordo com a Fonologia Prosódica, este se constitui a partir do domínio da sílaba ( $\sigma$ ) subindo na árvore prosódica até o enunciado fonológico como afirma Selkirk (1984). Vejamos, por exemplo, ‘a’ e ‘b’ com alternância de acento [ $\pm$  fote/fraco]:

- a. *this is a book* (isto é um livro) – [ðə’sɪzə’bʊk]
- b. *this is an apple* (isto é uma maçã) - [ðə’sɪzən’æpl]

De acordo com Pike (1945) há uma polarização fonológica do ritmo da fala em *silábico* - uma sucessão de sílabas igualmente espaçadas na produção fonética e *acentual* - uma sucessão de alternância entre sílabas acentuadas e não-acentuadas. Os estudos fonéticos sobre o ritmo da fala preveem níveis gradientes entre as línguas com predominância de um ou outro tipo (cf. Barbosa, 2006).

Quanto à entonação, Moreno (2000), a entonação é considerada um dos aspectos de mais difícil de assimilação. No que cerne a trabalhos em fonética acústica, Magen (1998) sobre percepção de sotaque estrangeiro (SE) por nativos de inglês revela que a frequência fundamental (F0) foi considerado o parâmetro acústico mais relevante na discriminação de SE de diferentes sujeitos. Já Silva Jr. e Barbosa (*em preparação*) compararam a prosódia do inglês/L1 (inglês americano) e L2 (por brasileiros) nas dimensões de produção e percepção. Os autores observaram que tanto o ritmo como a entonação revelaram parâmetros acústicos significantes do SE (na produção) e em sua discriminação por nativos de inglês (na percepção).

Partindo do ponto de vista fisiológico e neurobiológico, parece também justificável considerar a entonação como um aspecto especial. Geralmente (90-95% das pessoas) os centros da fala estão localizados no hemisfério cerebral esquerdo - que opera em um sentido analítico e linear; no entanto, o hemisfério direito – que opera num sentido sintético e paralelo - também intervém no processamento da fala. O acento (lexical, frasal) é reconhecido e ocorre predominantemente no hemisfério esquerdo (Baum, 1998), mas a entonação (como relações espaciais, movimento, cor, música e emoções) é processada no hemisfério direito (cf. Gilbert, 1978; Cauneau, 1992; Taylor, 1993 apud Moreno, 2000).

Moreno (op. cit.) ainda afirma que quando levada em conta a aulas de pronúncia, a entonação neste processo de avaliação é na melhor das hipóteses, irrelevante. Comumente, o

que observamos nestas aulas é que os alunos, consciente ou inconscientemente quando ouvem gravações na L2, concentram-se em outros aspectos (semânticos, gramaticais, fonético-segmentais e etc.) e praticamente não percebem os padrões de entonação, o que os torna cada vez mais distantes da produção fonética dos gestos entonacionais.

Desta forma, observando a importância da prosódia de L2 durante o ensino de pronúncia e como o (futuro) professor deve conscientizar-se acerca de sua importância para o ensino de pronúncia da L2-alvo, eis nossos objetivos:

- Apresentar a prosódia e seu papel nas aulas de inglês/L2 no curso de letras;
- Mostrar como o ritmo e a entonação de L2 influenciam o SE;
- Propor atividades a serem trabalhadas nos cursos de graduação de (inglês)/L2 que envolvam a percepção e produção da L2 por um nativo e por estrangeiros;
- Apontar caminhos de como usar conhecimento de fonética acústica e perceptual nos estudos de pronúncia em L2

A introdução deverá conter resumo teórico sobre o tema, apresentação da pesquisa, justificativa implícita, objetivos, síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

Em todo o arquivo utilizar fonte **Times New Roman**, tamanho **12**, com exceção do título que deve apresentar fonte negrito, tamanho 14, com letras maiúsculas, alinhamento centralizado. Inserir, em nota de rodapé, tamanho 10, quando o artigo for resultado de projeto de pesquisa, ensino ou extensão ou, quando houver financiamento, indicar o órgão de fomento.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e quantitativo. Aquele, no que tange a análise dos dados que compõem nosso corpus para determinar, sob o ponto de vista fonético-acústico, o que ocorre na realização do ritmo e da entonação de eventos fonéticos em inglês/L2 produzido por brasileiros e em inglês/L1 por norte-americanos dos Estados Unidos. Este, no que tange à análise estatística dos dados para determinar, sob o ponto de vista estatístico-probabilístico, como se comportam os grupos que compõem nosso corpus. A seguir, descreveremos como se deu a coleta de dados para constituição do corpus apontando os tipos de instrumento utilizados bem como, seu tratamento acústico e estatístico.

## Coleta de dados

Nossa pesquisa está constituída por um *grupo experimental* (GE), 10 (dez) informantes brasileiros alunos de uma turma de graduação do curso Letras-inglês da Universidade Estadual da Paraíba em Guarabira-PB e um *grupo controle* (GC), formado por 02 (dois) norte-americanos oriundos dos Estados Unidos.

Em seguida, os dois grupos leram um texto que continham e foram extraídas destes 10 enunciados (E), como descritos de ‘E01’ a ‘E10’ a seguir, para análise por cada informante:

**E01.** *I want to stay at home, but I need to go to a library.*

**E02.** *He was celebrating because he was approved.*

**E03.** *I wanted to text you, but I don't have your cell phone number.*

**E04.** *I go to the mall every week, because I Love window shopping.*

**E05.** *The virus can not live in immunized individuals, nor in nature.*

**E06.** *Playing soccer in the park is entertaining in the winter, but it's better in the heat of summer.*

**E07.** *Nobody talks to Paul because he looks mad.*

**E08.** *I always take a book to read, yet I never seem to turn a single page.*

**E09.** *She is very old but still attractive.*

**E10.** *Paul thought he had a great chance to be accepted at YALE, because his grandfather taught him many things.*

Um total de 120 ocorrências foi gerado; 100 pelo GE e 20 pelo GC e então, tiramos a média aritmética, apresentada em (1) a seguir entre as ocorrências por grupo para posterior análise estatística.

(1)

$$GE = \frac{\text{enunciado}_i}{10}, GC = \frac{\text{enunciado}_i}{2} \text{ em que 'i' = cada um dos enunciados produzidos}$$

A coleta das amostras foi realizada em ambiente silencioso a partir de um gravador Zoom H1 Handy PCM Recorder com microfone: *on-board Zoom H1 unidirecional* acoplado a sua base de gravação a uma frequência de resposta de 30 a 16 KHz, taxa de amostragem de 44,1 KHz e taxa de quantização de 16bits com relação  $\frac{\text{sinhal}}{\text{ruído}} > 30\text{dB}$  para garantir maior qualidade e fidelidade dos dados Esta configuração dos equipamentos garante a preservação desde vogais (que precisam de média a alta relação *sinhal/ruído*) a sons fricativos (alta relação *sinhal/ruído*) bem como, a escolha do microfone com frequência de resposta acima

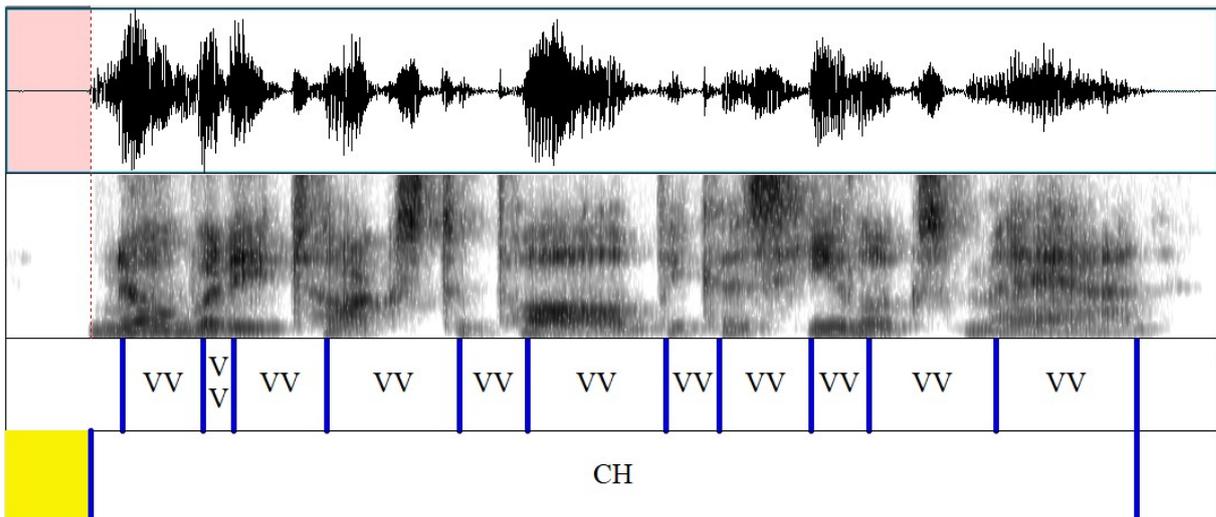
determinada para melhor captura da F0, visto que analisamos aspectos entonacionais em nossa pesquisa e estes são extraídos a partir da F0.

### Tratamento acústico dos dados

O programa computacional utilizado para tratamento acústico e plotagem de imagens espectrográficas dos dados foi o Praat (BOERSMA e WEENINK, 2019).

Os enunciados foram segmentados em intervalos correspondentes a sílabas fonéticas (unidades que vão do início de uma vogal ao início da próxima vogal – VV) como um *chunk* prosódico (toda extensão do enunciado – CH) como mostra a figura um a seguir:

**Figura 1:** Segmentação em unidades VV (1ª camada) e CH (2ª camada) do enunciado: ‘*nobody talks to Paul because he looks mad*’ produzida por um falante nativo de inglês americano.



Para análise acústica aqui realizada utilizamos valores de duração das unidades VV e F0 dos CHs normalizados pela técnica *Lobanov* a partir das médias extraídas de (1). Esta técnica de normalização reduz diferenças fisiológicas entre falantes (tamanho do trato vocal, se é masculino/feminino, por exemplo) a partir do cálculo de suas medidas via *z-score*. Todas as medidas foram normalizadas a partir do *script* para Praat: *NormLobanov\_DurF0* version 1.0 (Silva Jr, 2018b) e apresentadas ao leitor na discussão dos resultados desta pesquisa (cf. tabela 1).

## Tratamento estatístico dos dados

O tratamento estatístico de nossos dados foi realizado a partir de uma análise da variância entre os GE e o GC pela técnica estatística: ANOVA *de um fator* e um teste de Regressão Linear (RL). O teste ANOVA foi realizado após checagem dos três pressupostos estatísticos necessários a sua aplicação: *normalidade dos resíduos, homogeneidade das variâncias e independência das amostras* para os dois grupos. O teste de RL foi realizado para avaliar a variação de cada enunciado e como o coeficiente de determinação<sup>2</sup> ( $R^2$ ) explica o modelo de regressão utilizado.

Os testes e plotagem de gráficos estatísticos foram rodados através da linguagem R (R CORE TEAM, 2019). Um valor de significância (alfa) de 5% foi utilizado para verificar se há variância ou igualdade (significativa/não-significativa) na produção dos aspectos prosódicos de ritmo e entonação do GE e o GC.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vejamos, a partir da tabela 1 bem como gráficos 1 e 2 a seguir, a performance do comportamento fonético dos dois grupos – GE, os brasileiros (estudantes do curso de Letras- inglês) e GC, os nativos (americanos dos Estados Unidos) em termos quantitativos depois da aplicação da *z-score* (valores em unidades de *desvio-padrão*) e a análise de variância entre os grupos (e seus enunciados) a partir do teste ANOVA e de RL:

**Tabela 1:** Sequência dos enunciados e suas médias ( $\mu$ ) da produção de cada informante, valores normalizados de duração das sílabas fonéticas (VV) e F0 e resultados do teste ANOVA e de RL entre os grupos experimental (GE) e controle (GC).

---

<sup>2</sup> Uma das formas de avaliar a qualidade do ajuste do modelo é através do coeficiente de determinação ( $R^2$ ). Basicamente, este coeficiente indica quanto o modelo foi capaz de explicar os dados coletados. (). O coeficiente de determinação é dado pela expressão:  $R^2 = \frac{\text{Soma dos Quadrados Estimados (SQE)}}{\text{Soma dos Quadrado Total (SQT)}}$  (cf. Rietveld e van Hout, 2005).

ENUNCIADO	DURAÇÃO $_{norm}$ (VV)		P-VALOR (GE-GC)	$F_{0_{norm}}$		P-VALOR (GE-GC)
	GE	GC		GE	GC	
$\mu E01$	0.78	0.49	$p < 0.001^{***}$	0.85	0.76	$p < 0.001^{***}$
$\mu E02$	0.89	0.62	$p < 0.001^{***}$	0.85	0.80	NS
$\mu E03$	1.07	0.58	$p < 0.001^{***}$	0.85	0.75	NS
$\mu E04$	0.77	0.59	NS	0.85	0.80	NS
$\mu E05$	0.89	0.64	$p < 0.001^{***}$	0.86	0.74	NS
$\mu E06$	1.14	0.61	$p < 0.001^{***}$	0.83	0.74	NS
$\mu E07$	1.05	0.71	$p < 0.001^{***}$	0.86	0.74	NS
$\mu E08$	0.98	0.61	$p < 0.001^{***}$	0.86	0.75	NS
$\mu E09$	0.94	0.53	$p < 0.01^{**}$	0.85	0.84	$p < 0.04^*$
$\mu E10$	0.98	0.66	$p < 0.001^{***}$	0.78	0.86	NS
$\mu E01-E10$	-	-	$p < 0.001^{***}$	-	-	$p < 0.001^{***}$

\* $\mu$  = média

Com os dados da tabela 1 e dos gráficos 1 e 2, é possível inferir acerca da importância da prosódia de L2 bem como, sua aplicação no ensino de pronúncia no curso de Letras. Os resultados aqui observados nos leva a levantar algumas discussões:

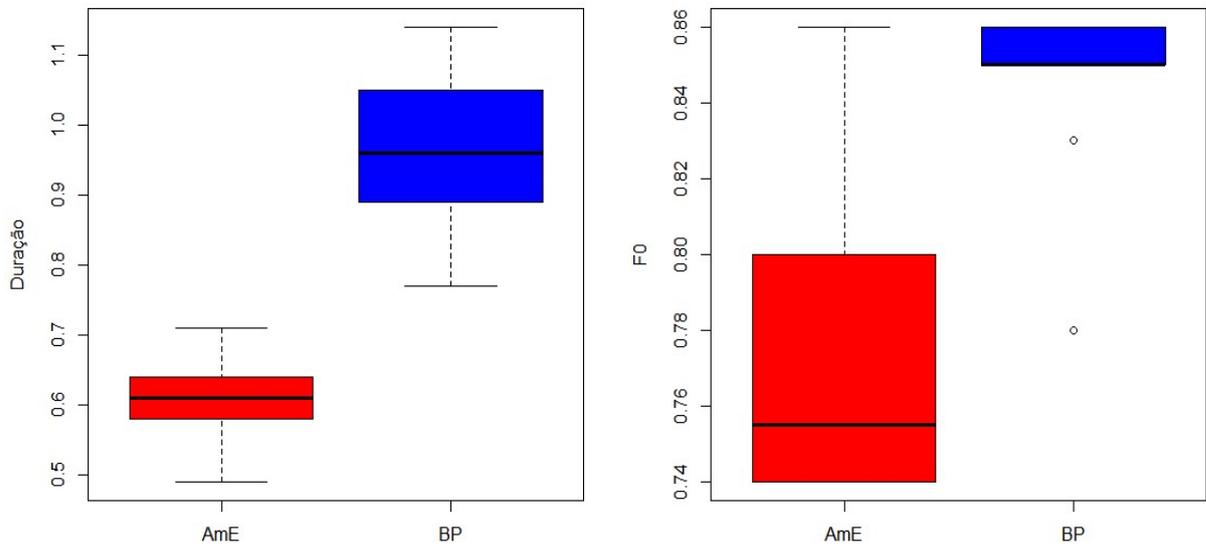
- Traços prosódicos como ritmo e entonação são significativamente mais difíceis de ser adquiridos do que segmentos do tamanho do fonema;
- De modo geral, esta pesquisa aponta dificuldades de alunos/falantes de inglês/L2 do curso de Letras-inglês tanto no que diz respeito a parâmetros métricos (duração) quanto aos melódicos (F0);
- De modo específico (por enunciado), é visível que há maior dificuldade se dá no que tange duração dos segmentos. Este fato corrobora o trabalho de Silva Jr. e Barbosa (*em preparação*) que aponta que a robustex na análise métrica na comparação prosódica de L1/L2 advém da escolha de uma segmentação dos dados em unidades VV (cf. Barbosa, 2006) uma vez que Raimundo e Silva Jr. (2018) e Raimundo (2018) investigaram essa influência sob a segmentação de vogais e consoantes apenas e concluíram que não havia diferenças significantes entre os modelos prosódicos de inglês/L1 e L2;
- Observando a diferença entre a duração de cada enunciado, percebemos que os grupos VVs dos americanos são significativamente menores do que os dos brasileiros. Esta constatação corrobora o fato de que o inglês tende a um tipo rítmico [+ acentual] em função de haver grupos interacentuais menores e um destaque para o acento frasal e que o português brasileiro (PB) tende a um tipo rítmico [+ silábico] com grupos VV relativamente equilibrados (cf. Gráfico 2);

- Os valores de F0 também mostram robustez na análise prosódica de L2 mostrando variação significativa sobretudo durante sua trajetória quando realizada pelos brasileiros e pelos nativos de inglês. É possível observar que, embora os falantes brasileiros mantenham o tom mais alto, a variação entre os falantes de inglês/L1 é muito discrepante (cf. Gráfico 1);
- Quando observamos a F0 de cada enunciado, podemos perceber que ocorre variação em um grande número deles todavia, pontualmente significativa apenas em E01 e E09. O tom mais alto e aparência mais monotônica produzida pelos brasileiros parece fazer influência como um todo e não parte a parte como ocorre com a duração dos VVs (cf. Gráfico 2);
- Outro ponto a ser elucidado é quanto à escolha do instrumento para coleta de dados. Como os enunciados foram retirados a partir da leitura de um texto maior, as chances de os brasileiros realizar transferências da prosódia de sua L1 foram potencializadas visto que Raimundo (op. cit) realizou coleta apenas de frases o que terminou não gerando diferenças significantes na produção da prosódia de L1/L2.

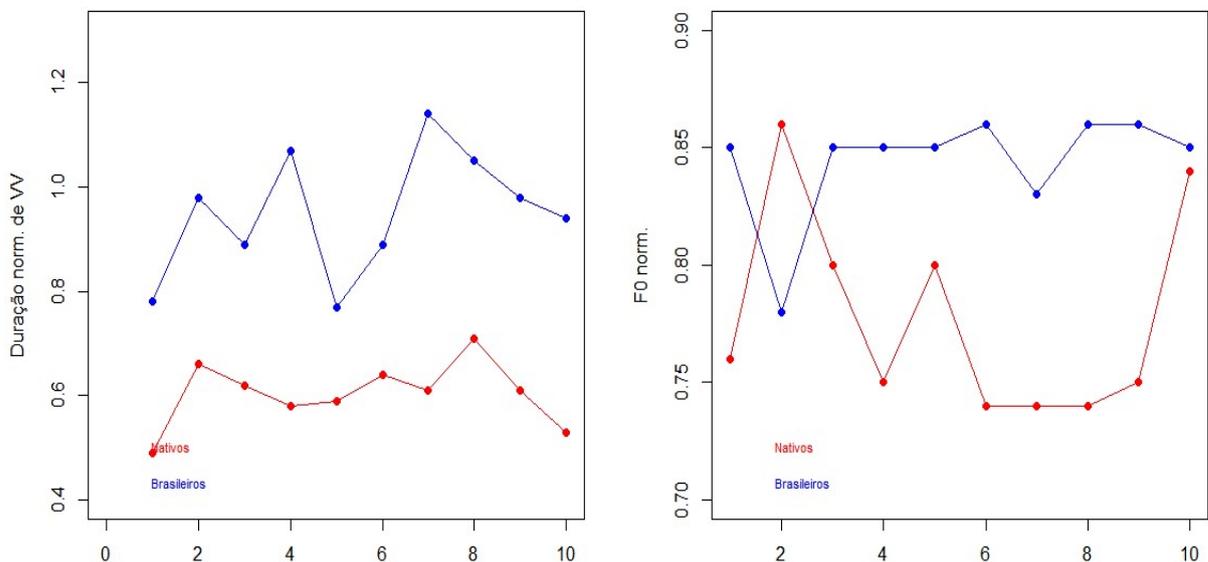
Ainda do ponto de vista estatístico, observamos que o *coeficiente de determinação* ( $R^2$ ) tem um ajustamento de 92% ( $R^2 = 92\%$ ) no que tange à explicação da duração das unidades VV pelas duas línguas em foco, em outras palavras, a produção fonética de cada enunciado pelo GE e pelo GC tem um alto e confiável nível de variação (92%) explicada pelo brasileiros e americanos quando falam inglês. Inferencialmente isto propõe que de fato, é muito provável que brasileiros, mesmo sendo alunos do curso de Letras-inglês e tenham domínio da pronúncia de fonemas e da morfossintaxe, transferem traços prosódicos de sua L1 para o inglês/L2.

Quanto ao ajuste do  $R^2$  na F0, os brasileiros e americanos ao falarem inglês explicam 53% ( $R^2 = 53\%$ ) de variação, ou seja, o modelo linear explica 52% de variação entre as línguas que também é um valor confiável.

**Grafico 1:** boxplot com a distribuição e dispersão dos dados normalizados das sílabas fonéticas dos enunciados (porção esquerda) e da trajetória da F0 (porção direita) do GE (BP<sup>3</sup> – em azul) e do GC (AmE<sup>4</sup> – em vermelho).



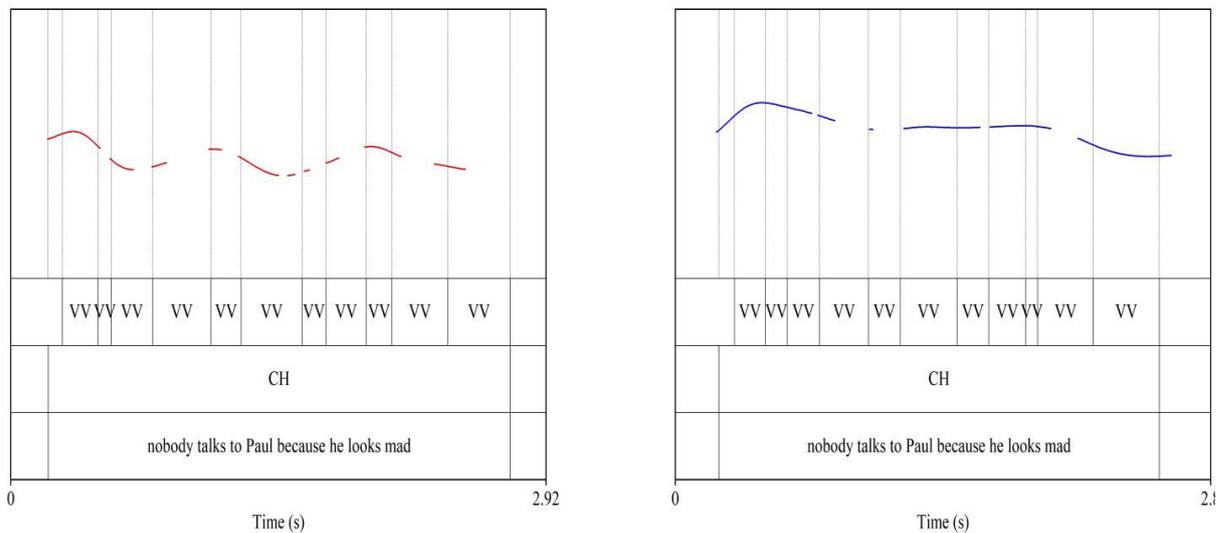
**Grafico 21:** Traçado com a distribuição e dispersão dos dados normalizados das sílabas fonéticas por enunciado (porção esquerda) e da trajetória da F0 (porção direita) do GE (BP – em azul) e do GC (AmE – em vermelho).



<sup>3</sup> BP = Brazilian Portuguese (*português brasileiro*).

<sup>4</sup> AmE = American English (*inglês americano*).

**Figura 2:** Trajetória da F0 no enunciado: ‘*nobody talks to Paul because he looks mad*’ produzida por um falante nativo de inglês (curva vermelha na porção esquerda) e por um brasileiro (curva azul na porção direita).



Podemos observar na figura 2 o traçado monotônico da F0 de um dos falantes brasileiros enquanto que o falante americano varia ao longo da trajetória. Chamamos a atenção para um decaimento da F0 nos dois acentos frasais do período produzidos pelo americano: ‘*nobody* <sup>TALKS</sup> *to PAUL* *because* <sup>HE</sup> *looks MAD*’. O mesmo período produzido pelo brasileiro apenas decai a F0 no final da sentença por ser uma característica do PB (cf. Brazil, 1985) e por força de um mantimento monotônico da F0 alta ao longo de sua produção: ‘*nobody* *talks to Paul because he looks mad*’.

Esta variação foi observada e retratada ao longo desta pesquisa. Concluímos de modo preliminar que para nos adequarmos a prosódia do inglês/L2 devemos:

- Utilizar *input* fonético que se adeque a situações comunicacionais envolvendo pronúncia de nativos;
- Trabalhar aspectos de percepção e produção da fala que não envolvam apenas a pronúncia de segmentos isolados mas sim, toda paisagem sonora da L2, a saber, a prosódia (lembramos que um artista ao pintar um belo quadro utiliza pontos de fuga porém, a obra/ a paisagem como um todo é o que de fato ele/a quer expressar e é o que admiramos);
- Treinar foneticamente grupos interacentuais (aqueles em que quase não ouvimos a quantidade de sílabas “espremidas” e que antecedem o acento frasal);
- Treinar a melodia, ou seja, a “musicalidade” da L2; repetindo como se estivesse ensaiando para uma peça teatral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos nesse trabalho e com base nos dados aqui apresentados que a TP de aspectos rítmico-entonacionais relacionados à L2 durante a produção ocorre de modo significativo mesmo em se tratando de alunos do curso de Letras-ínglês em que espera-se que já domine aspectos de oralidade desta L2 em um certo grau.

O caráter aplicado desta pesquisa é consoante à minha prática profissional no período em que atuei como professor de língua inglesa em escolas públicas na tentativa de apontar quais são os melhores caminhos, as melhores estratégias, de se ensinar inglês/L2 de modo a conseguir dos aprendizes uma pronúncia mais inteligível levando em conta processos de sua prosódia como ritmo e entonação mas sem esquecer aspectos segmentais, silábico-estruturais internos que atingem diretamente a fala espontânea.

Como aponta Alves & Barreto (2012), o professor de língua inglesa deve privilegiar o ensino-aprendizagem priorizando em suas aulas aspectos fonético-fonológicos da L2 (no domínio segmental) para que o processo de aquisição seja mais efetivo. Os autores ainda afirmam que: “a percepção-produção dos sons da língua-alvo exerce um fator primordial” (ALVES & BARRETO, 2012, p. 293). Silva Jr (2015, 2018a) corrobora a afirmação dos autores quando aponta que o caminho que tem demonstrado maior eficácia no processo de aquisição da prosódia de (ínglês) L2 é a utilização de habilidades orais de percepção e produção envolvendo treinamento de ordem metalinguística para uma pronúncia bem sucedida.

Aqui provamos que, sob o ponto de vista fonético-acústico, os falantes/alunos do curso de Letras-ínglês resolvem questões da prosódia de L2 majoritariamente, oscilando no eixo dinâmico em direção ao tipo rítmico [+ silábico] o que vai na contramão dos americanos que operam no sentido [+ acentual]. Sobre esta questão, afirmam Avery & Ehrlich (2012), quanto ao PB apresentar processos fonológicos que concernem às regras de acento, ritmo e que demonstram transferência quanto à produção do inglês como L2. Segundo os autores:

There are two main dialects of Portuguese. Brazilian Portuguese and European Portuguese. An important difference between Brazilian Portuguese and European Portuguese concerns rhythm: Brazilian Portuguese is a syllable-timed language whereas European Portuguese is a stress-timed language and has vowel reduction (2012, p. 145). Brazilian Portuguese does not have a reduced, short vowel equivalent to the English schwa. This affects the rhythm of the Brazilian Portuguese speaker's English, as function words and unstressed syllables may not be reduced (2012, p. 148).

Devemos ressaltar que, mesmo com as afirmações categóricas dos autores, nossas análises e resultados não demonstram polarização no que toca o ritmo da fala. Ao contrário, é possível observá-lo em um *continuum* dinâmico em que seus atratares ciclos oscilam ora de forma silábica, ora acentual a depender da informação proferida (cf. Barbosa, 2006, cap. 2 e 3).

Para estudos futuros e novas pesquisas, pretendemos treinar o GE a partir de uma proposta de intervenção envolvendo atividades e jogos que utilizem as habilidades orais e assim, fazer uma nova coleta de dados comparando os resultados do memento da produção antes e depois do treinamento além de realizar testes de percepção com o GE acerca da pronúncia de brasileiros e de falantes nativos de inglês.

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria imensamente de agradecer ao CNPq pela concessão de bolsa PDJ sob o número: 150143/2018-4. Gostaria também de agradecer ao Dr. Plínio A. Barbosa (meu supervisor/orientador) do estágio pós-doutoral com quem dividi/divido muitas alegrias ao longo da pesquisa e com quem aprendi a sistematizar e protocolar de fato, dados quantitativos da pesquisa científica. O prof. Plínio é um grande orientador tanto do saber científico quanto da simplicidade de uma vida com fé.

- Prof. Plínio, muito obrigado por tudo!

## REFERÊNCIAS

ALVES, U.; BARRETO, F. **O processamento e a produção dos aspectos fonético-fonológicos da L2**. In: LAMPRECHT, Regina (org). *Consciência dos sons da língua: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2 ed, Porto Alegre, EDPUCRS, 2012.

AVERY, P.; EHRLICH, S. **Common Pronunciation Problems**. In: AVERY, P.; EHRLICH, S. *Teaching American English Pronunciation*. New York, Oxford University Press, 2012, pp 96-109.

BARBOSA, P. **Incursões em torno do ritmo da Fala**. Campinas, FAPESP/Pontes Editores, 2006.

BOERSMA, P; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer (Version 6.0)**  
<http://www.praat.org>, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira - 5ª. - 8ª. série.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CELCE-MURCIA, M. **Teaching Pronunciation: A course book and reference guide**, 2 ed. New York, Cambridge University Press, 2010.

FLEGE, J. **Second Language Speech Learning: Theory, Findings and Problems.** In: W. Strange (eds), *Speech Perception and linguistic Experience: Issues in Cross-Language Research.* Timonium, York Press, 1995, pp. 233-277.

JENKINS, J. **The phonology of English as an International Language.** Oxford, Oxford University Press, 2000.

MAGEN, H. **The perception of foreign-accented speech.** *Journal of Phonetics*, (26), 1998, pp. 381-400.

MASCHERPE, M. **Análise comparativa dos sistemas fonológicos do Inglês e do Português.** (Tese de Doutorado.) Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1970.

MORENO, M. **Sobre la adquisición de la prosodia en lengua extranjera: Estado de La cuestión.** *Didáctica (Lengua y Literatura)*, 2000, pp. 91-119.

PIKE, K. **The Intonation of American English.** Ann Arbor, University of Michigan Publications, 1945.

RIETVELD, T. HOUT, R. **Statistics in Language Research: Analysis of Variance.** Mouton de Gruyter, Berlin, 2005.

R CORE TEAM (2019). **R: A language and environment for statistical computing.** R Foundation for Statistical Computing, Vienna, URL: <<https://www.R-project.org/>>, 2019.

RAIMUNDO, K. **A Relação Silábico-acental n ritmo da fala por falantes brasileiros de inglês como L2.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Estadual da Paraíba: UEPB. Guarabira, 2016.

RAIMUNDO, K.; SILVA Jr., L. **Syllable-timed or Stress-timed? O ritmo do inglês/L2 pelo falante paraibano.** In: *Proceedings of Alfalito2018.* João Pessoa, UFPB, 2018.

ROACH, P. **On the distinction between ‘stress-timed’ and ‘syllable-timed’ languages.** In: *Linguistic controversies*, 73-79, .London: Edward Arnold, 1982.

SELINKER, L. **Interlanguage.** *International Review of Applied Linguistics*, v.10, p.209-231, 1972

SELKIRK, E. **Phonology and Syntax: The relation between sound and structure.** Cambridge Mass: MIT Press, 1984.

SILVA Jr., L. **Acento e Ritmo: aspectos fonético-prosódicos no ensino de inglês como L2.** *Leia Escola*, v. 15, n. 2, 2015, p. 34-44.

SILVA Jr., L. **O Ensino de Pronúncia na Formação do Aluno de Letras.** In: P. A. Castro (org) *Atualizações na profissionalização docente: PIBID/UEPB*, Campina Grande, Eduepb, 2018, p. 67-84.

SILVA Jr., L. **NormLobanov\_DurF0 (version 1.0).** Script para Praat, 2018.

SILVA Jr., L; BARBOSA, P. **The Production and Perception of English Speech Rhythm as L1 and L2: investigating the degree of foreign accent.** (in preparation).

VAN HEUVEN, V. **Some acoustic characteristics and perceptual consequences of foreign accent in Dutch spoken by Turkish immigrant workers.** J. van Oosten & J.F. Snapper (eds.) *Dutch Linguistics at Berkeley*, University of California,, 1986, p.67 – 84.